

DE MENDONÇA, Thales Branche Paes. São Benedito e sua Marujada em Quatipuru (PA): uma imersão mitológica. Salvador: UFBA; Mestrando; CAPES; Orientador: Prof. Dr. Érico José de Souza. Ator e Músico.

RESUMO

Este trabalho toma como objeto de investigação a festa da Marujada de São Benedito de Quatipuru (PA), especificamente no que diz respeito aos elementos míticos e simbólicos que a engendram. Considerando a festa como construto cultural estruturado por conteúdos simbólicos expressos sutilmente em seu tecido, é realizada uma leitura desses conteúdos com base no referencial epistemo-metodológico da etnocenologia, em uma visão não-cartesiana que privilegie as imagens da festa como elementos significativos na sua compreensão, num movimento de imersão mitológica. Toma-se São Benedito e sua festa da Marujada em suas potencialidades simbólicas, de modo a se construir uma leitura compreensiva pela via do mito, buscando um nível de imersão no imaginário que envolve o objeto para que o âmbito estético leve à compreensão do âmbito societal da festa.

Palavras-chave: Marujada de São Benedito de Quatipuru (PA). Leitura Compreensiva. Símbolo.

ABSTRACT

This work takes as investigations object the *Marujada de São Benedito* of Quatipuru (PA) party, specifically in respect to the mythic and symbolic elements that engender it. Considering the party as cultural construct structured by symbolic contents subtlety expressed in its tissue. It is done a reading of these contents based on the ethnocenologie's epistemic-methodological referential, in a non-cartesian vision that privileges the party's images as significant elements on the comprehension of it, making a mythological immersion movement. *São Benedito* and his *Marujada* is taken in its symbolic potentialities, constructing a comprehensive reading in the myth way, looking for an immersion on the object's imaginary that takes the aesthetics ambit to the party's societal ambit.

Keywords: Marujada de São Benedito em Quatipuru (PA). Comprehensive Reading. Symbol.

Tomando como ponto de partida a etnocenologia como epistemologia não-cartesiana, sobretudo ao permitir a construção do processo de pesquisa no eixo do sujeito-pesquisador em interação com o objeto de pesquisa, percepção alicerçada por mim na noção de trajeto antropológico de Gilbert Durand (1997), vale utilizar a forma narrativa para alcançar o objetivo maior deste texto: atingir o cerne da questão cultural pela via indireta da expressão do imaginário. É importante ressaltar que para acessar o imaginário na perspectiva de Durand (1988) é necessário aprender a caminhar no território do símbolo, ou melhor, nadar no oceano simbólico que é o imaginário, onde a racional via direta é inútil e só se podem constituir significados na medida em que a imaginação

simbólica é adotada como procedimento poético orientador da jornada-errância-trajeto-antropológico do sujeito-pesquisador que vive a pesquisa como experiência estética.

Quando cheguei a Quatipuru¹ pela primeira vez, de algum modo, eu já conhecia aquele lugar. Em dezembro de 2008, fui a Quatipuru a convite de uma pessoa fundamental em minha formação como artista e pesquisador, a professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA) e diretora de teatro Karine Jansen. Karine havia concluído naquele ano de 2008 o seu doutoramento em artes cênicas com uma pesquisa que versava sobre a Marujada de São Benedito em Quatipuru. Como um de seus resultados, a professora montou um espetáculo chamado “O império de São Benedito”, encenado pela primeira vez em 2007, no Teatro Porão “Putá Merda”, que se situa na casa da também professora da ETDUFPA e diretora de teatro Wlad Lima, grande parceira de Karine.

O espetáculo era encenado num porão, ou seja, inserido numa atmosfera que propunha desde a entrada na “sala de espetáculo” certo estranhamento. Quando assisti àquele espetáculo encenado para um número máximo de 15 pessoas, eu não poderia prever que aquele outro São Benedito que se apresentava estaria presente de forma tão contundente na minha vida. Digo outro porque o São Benedito católico ali se diluía numa imponente imagem de um santo forte, temperamental, até vingativo. Eu viria a conhecer com aquele espetáculo o São Benedito da Marujada de Quatipuru, um santo preto que é tomado por sincretismo por grande parte do povo da cidade com o vodum Verequete.

Ali eu conheci Quatipuru pela primeira vez. De algum modo, fruto de um encontro acidental, como são todos os encontros, mas um encontro que mobilizou em mim o desejo de me entranhar nessa história. Vale uma suspensão da narrativa para uma inscrição teórica que mobiliza interpretações: para Juremir Silva (2003), há três passos básicos que devem orientar o processo de pesquisa do imaginário: o *estranhamento*, em que:

O sujeito torna-se narrador por um choque perceptivo que o afasta do conhecido e o situa, então, como narrador. (...) Nesse sentido, a condição inicial da narratividade é sempre passional, empática, afetiva, pessoal. O narrador nasce de um desequilíbrio, o choque que lhe afeta a ponto de incitá-lo a querer levantar o véu do familiar ou da distância cultural. Esse choque se caracteriza, essencialmente, pela determinação a pôr-se no lugar do outro para melhor senti-lo e descrevê-lo (p. 84).

O conceito de *estranhamento* em Juremir Silva para mim funciona como a própria descrição do momento epifânico em que sou fecundado pelo desejo de conhecer. Para o autor, os dois outros passos, por assim dizer, do processo de pesquisa sobre o imaginário consistem no *entranhamento*, o “mergulho total no outro (...), quando [o sujeito-pesquisador] se dilui no imaginário investigado,

¹ Quatipuru é um município situado no interior do Estado do Pará. Distante aproximadamente 270 quilômetros da capital do Estado, Belém, Quatipuru tem cerca de 12.000 habitantes e possui autonomia como município desde 1994, mesmo existindo como povoado e posteriormente distrito de outros municípios próximos desde 1869.

antes de retornar a si (...)" (*idem*). Segundo Juremir Silva (2003), é da dialógica entre *estranhamento* e *entranhamento*, para a posterior volta a si que se pode desenvolver uma abordagem compreensiva de qualquer fenômeno.

Do momento em que assisti ao espetáculo de Karine ao momento em que iniciei propriamente a minha pesquisa muita coisa aconteceu. Pouco depois de me alimentar de um imaginário novo sobre aquele encantador "O império de São Benedito", ganhei uma bolsa de iniciação científica no curso de letras da UFPA, em que, orientado pelo professor José Guilherme Fernandes, passei a realizar uma pesquisa sobre narrativas orais na região de Bragança, município próximo de Quatipuru. Em Bragança, também se tem uma Marujada de São Benedito, e meu objetivo era desenvolver como Trabalho de Conclusão de Curso uma pesquisa sobre o culto do santo em Bragança. Era como se eu estivesse sendo atraído por algo. Porém, devido o devir, tive que mudar o tema e abandonar aquela pesquisa. Nessa noite, então, sonhei com São Benedito.

Em sonho, eu estava numa tempestade em alto-mar, num pequeno barco que era invadido rapidamente pela água. Eu, desesperado, me esforçava para me manter na embarcação que era castigada por um mar feroz. E enquanto quase me afogava naquela situação terrível, eu via uma pequena imagem de São Benedito que, a despeito da tempestade incrível, se mantinha fixa no barco. Com dificuldade, eu abria bem os olhos e via claramente aquela expressão rígida do santo, seus olhos eram de fogo, e ele me olhava fixamente com se estivesse me reprovando. Acordei sobressaltado e certo de que São Benedito não havia gostado de eu tê-lo abandonado como tema!

De algum modo, esse sonho denota um nível de entranhamento num imaginário que até então não era o meu, afinal, São Benedito me apareceu em sonho para me castigar. São Benedito, como um santo perigoso e vingativo para os que não lhe tratam com respeito e honra, é um elemento de um imaginário que eu havia acessado por meio da experiência estética com o espetáculo de Karine. Porém, naquele momento ficava evidente que eu já estava completamente comprometido, e absolutamente imbuído de uma nova potencialidade imaginária, que dali em diante também seria minha. A experiência no "Império de São Benedito" fez com que despertasse em mim um potencial imaginário que até então eu desconhecia.

Defendi meu TCC sobre um tema absolutamente diverso, mas o fiz com uma imagem de São Benedito na camiseta, e nas minhas primeiras palavras contei a história para a banca e pedi licença ao santo para fazer a apresentação. Como membro da banca estava Karine, que no final de minha apresentação, isso já por meados de dezembro de 2008, viria me convidar para passar uns dias em sua casa em Quatipuru, para que eu pudesse ver a Marujada e me resolver com São Benedito. E eu estaria prestes a fazer a minha primeira viagem de pesquisa, ainda sem pretensões acadêmicas, mas com grandes ressonâncias dali em diante.

Barthes (2004) lembra que "saber" e "sabor" são palavras que guardam a mesma raiz etimológica, ou seja, guardam entre si um mesmo laço ancestral

que aproxima o conhecimento da prazerosa fruição estética presente, por exemplo, no ato da leitura. Nesse sentido, Barthes delineia o que seria o texto que joga e que se eleva como escritura ao sintetizar em si conhecimento e beleza, para o autor: “(...) a escritura faz do saber uma festa” (2004, p. 21).

Essa percepção de Barthes serve a esta pesquisa, sobretudo, para perceber que nas formas expressivas está contido um saber que muitas vezes se elabora como oculto, o que significa dizer que a experiência da participação na festa da Marujada de São Benedito em suas inúmeras formas de manifestação estética mobiliza conhecimentos fundantes sobre a estrutura cultural que a alicerça. Assim, ao se tomar as histórias contadas sobre São Benedito em Quatipuru, é possível entrar em contato, indiretamente com o cerne significativo da festa. Segundo Durand (1988), somente os significados do símbolo podem ser alcançados pelo pensamento indireto, pois somente dentro do processo simbólico é que se pode efetivamente compreender o símbolo.

É importante notar que as histórias contadas sobre São Benedito recebem aqui o tratamento conceitual de mito, daí a noção de que por uma imersão mitológica é possível atingir significados fundantes e estruturadores da realidade cultural estudada. Vale retomar meu relato narrativo e lembrar que a imagem de São Benedito se apresentou de forma diferenciada para mim em sonho somente a partir do momento em que tive acesso àquela percepção do santo pelas histórias que ouvi no espetáculo de Karine, o “Império de São Benedito”. Desse modo, foi pelo acesso ao mito que pude acessar efetivamente ainda de modo inconsciente o imaginário no qual está imersa a Marujada de São Benedito em Quatipuru.

Para Mircea Eliade (1989) o mito remonta a uma tradição sagrada, ou seja, estabelecendo a possibilidade de compreensão dos fatos da cultura ao sintetizar em si conteúdos que remetem ao aspecto religioso do homem. A partir dessa percepção, é evidente que o mito não pode ser considerado pela corrente ideia de algo que é “falso” ou “mentiroso”. Vale evidenciar a noção de mito em Mircea Eliade:

O mito conta uma história sagrada (...), conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento (...). É sempre, portanto, a narração de uma “criação”: descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a *existir*. (...) Os mitos revelam, pois, a atividade criadora e mostram a sacralidade (ou simplesmente, a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas e frequentemente dramáticas eclosões do sagrado (ou do “sobrenatural”) no mundo (1989, pp. 12-13).

Diante das considerações de Mircea Eliade, é interessante notar que o mito se refere frequentemente às dimensões do sagrado na vida humana, o que faz da experiência de sua apreciação ela mesma uma experiência do sagrado. Assim, o contato com o mito de São Benedito, tal qual ele é expresso pelo povo de Quatipuru, delineia aspectos fundamentais do todo constitutivo da festa da Marujada. Ou seja, nas histórias contadas do santo preto já estão presentes os aspectos mais importantes que podem ser observados na festa da Marujada

como um todo, o que implica dizer que o fogo regido por Verequete, sincreticamente imbricado à imagem de São Benedito, atravessa as histórias de vingança do santo em que ele incendeia as casas de maus fiéis e se expressa simbolicamente transfigurado no furor desmedido do corpo do mascarado no momento de sua participação na festa em que esse personagem que presenteia, também ameaça os fiéis com grunhidos e menções de agressão com o bastão que empunha.

Diante dessas breves considerações fica evidente que a perspectiva não-cartesiana sob a qual é elaborada a etnocologia enquanto epistemologia, abre possibilidades profundamente interessantes para as pesquisas em artes e, sobretudo, para pesquisadores que são também artistas, ou seja, que pulsam ardentemente no desejo reconciliar teoria e prática, fazendo da experiência a árvore do conhecimento do bem e do mal, reunindo em seus galhos de imaginário as maçãs-símbolos que só podem ser acessadas num gesto libertário de jogo poético do corpo atordoado do prazer de conhecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Aula**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1988.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.